



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

A ORDEM E O CAOS NA AMÉRICA DO SUL: O BARÃO DO RIO BRANCO E ESTANISLAO SEVERO ZEBALLOS NA PERSPECTIVA DA REVISTA ILUSTRADA O MALHO (1908)

Sophia Bineló
Universidade de Passo Fundo (UPF)
sophiabinelo@gmail.com

Embora as origens da rivalidade entre o Brasil e a Argentina remontem ao período colonial, os ânimos entre os dois países estavam relativamente calmos quando o Barão do Rio Branco assumiu a pasta do Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 1902. Encontrava-se na presidência da Argentina, em seu segundo mandato, o general Júlio Roca, que era favorável a uma política de aproximação entre a Argentina e o Brasil. O Brasil contava também com o apoio do ministro argentino no Rio de Janeiro, Manuel Gorostiaga, que juntamente com Rio Branco empenhou-se em colocar em prática essa aproximação durante a sua gestão na capital brasileira.

Era conhecido o interesse de Rio Branco em selar a aproximação entre a Argentina, o Brasil e Chile com um Tratado de Cordial Inteligência Política e Arbitramento, cujo objetivo maior era a manutenção da paz no cone sul. Para isso, era necessário um ambiente propício de cordialidade entre as três maiores repúblicas da América do Sul. O Chile mantinha uma sólida amizade com o Brasil e contava com sua reciprocidade. A Argentina, por sua vez, mantinha uma relação de instabilidade tanto com o Chile quanto com o Brasil e isso se tornou um grande desafio para Rio Branco durante o período em que atuou como Ministro das Relações Exteriores.

Em 1906, com o falecimento de Manuel Quintana, sucessor do general Júlio Roca na presidência da Argentina, assumiu o cargo o vice-presidente, Figueroa Alcorta, designando Estanisláo Zeballos, rival de Rio Branco desde o litígio lindeiro de Palmas, para chefiar o Ministério das Relações Exteriores, iniciando assim, o período mais sensível das relações entre o Brasil e a Argentina (BUENO, 2003, p. 171-172).

Durante o tempo em que esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores da Argentina no período de Rio Branco, Zeballos conduziu uma política declaradamente antibrasileira que, embora não tenha conquistado a adesão unânime da Argentina, contava com o apoio de grupos políticos que compartilhavam com o ministro a mesma antipatia pelo Brasil. Não obstante, “Zeballos não apresentou ao Brasil uma declaração



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

sequer. As campanhas antibrasileiras do grupo zebalista desenvolviam-se na imprensa e nos comícios, sem a participação ostensiva dos órgãos governamentais” (LINS, 1996, p. 371), dificultando assim, a ação de Rio Branco em desfazer mal-entendidos. No Brasil, a revista ilustrada *O Malho* empenhou-se na tarefa de denunciar a campanha antibrasileira do ministro argentino através da caricatura.

Embora o interesse de Rio Branco em manter uma boa relação entre o Brasil e a Argentina fosse verdadeiro, o sucesso do seu trabalho frente ao Ministério das Relações Exteriores acabou por aguçar ainda mais o espírito de rivalidade já existente entre os dois países. A discussão e aprovação do projeto brasileiro de rearmamento naval em 1904 e 1907, a elevação das legações dos Estados Unidos e do Brasil no Rio de Janeiro e Washington à categoria de embaixadas em 1905 (ano que coincide com a saída de Gorostiaga do Rio de Janeiro), a criação do cardinalato e a aproximação do Brasil com os demais países da América do Sul deixaram a Argentina em posição de alerta para um possível interesse do Brasil em lograr a posição de líder regional na América do Sul. Não obstante, Zeballos usou as conquistas de Rio Branco como forma de fazer ciúmes ao povo argentino, criando assim, um terreno fértil para suas provocações (1996, p. 373).

O receio da Argentina em perder para o Brasil a liderança na América do Sul era compreensível. Entretanto, Zeballos não soube agir diplomaticamente, criando uma série de situações constrangedoras para a Argentina e amplamente difundidas pela imprensa, como veremos em *O Malho*. De acordo do Lins, “Misturavam-se em Zeballos os sentimentos pessoais e os sentimentos políticos. O que havia nele de antipatia ao Brasil veio a complicar-se até o delírio e o devaneio com a presença de Rio Branco na pasta do Exterior” (1996, p. 369). Essa imagem de Zeballos, descrita pelo biógrafo de Rio Branco, pode ser considerada uma síntese das representações do ministro argentino nas caricaturas de *O Malho*, que buscou fixar a loucura e o delírio como as principais características de Zeballos no contexto da rivalidade entre Brasil e Argentina.

A maior preocupação de Zeballos, todavia, estava no projeto de reconstrução naval do Brasil, amplamente defendido por Rio Branco na garantia da defesa nacional, uma vez que o Brasil contava com um vasto litoral. Para Clodoaldo Bueno, “A altivez e a preocupação em não permitir o mínimo arranhão no prestígio nacional foram



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

constantes em Rio Branco, durante a administração da pasta. Não seria diferente no relativo aos armamentos” (BUENO, 2002, p. 371).

Segundo o ministro brasileiro, “a amizade que o Brasil deveria cultivar com todas as nações do continente, em especial com a Argentina e o Chile, não excluía a necessidade de o país ter um mínimo de respaldo militar para, numa eventualidade, sustentar posições adotadas no plano internacional” (2002, p. 370). Diante desse contexto,

Pela Lei de dezembro de 1904 estabelecia um programa naval: três encouraçados; seis caças-torpedeiros; três submarinos; um carvoeiro; um avião-escola. O programa Naval de 1907 veio modificar o de 1904, substituindo os três encouraçados de 13.000 toneladas por outros de 19.281, os famosos *dreadnoughts* (1996, p. 377).

De acordo com Clodoaldo Bueno, “As frequentes agressões, típicas da disputa imperialista, sofridas pelas nações asiáticas e africanas, provocavam temor entre os brasileiros que, por isso, sempre enfatizavam o caráter defensivo do rearmamento” (2003, p. 184). Todavia, a modificação do plano naval brasileiro não deveria preocupar a Argentina, uma vez que “os *dreadnoughts*, pelas suas dimensões, estavam impossibilitados de entrar no Rio da Prata. Era como se o novo plano de construção naval levasse implícita a garantia de que os navios brasileiros não se destinavam jamais atacar Buenos Aires” (1996, p. 378).

As garantias brasileiras, todavia, não foram suficientes para convencer Zeballos a recuar com a sua campanha antibrasileira. O ministro argentino, em vão, passou a negociar a possibilidade de partilha ou de equivalência naval entre os dois países. Não obtendo sucesso, visto que as necessidades bélicas entre o Brasil e a Argentina eram diferentes, uma vez que eram diferentes também condições marítimas de cada país, e com uma partilha ou equivalência naval o Brasil sairia perdendo visto que contava com vastas costas e numerosos portos a defender, Zeballos concentrou-se em uma campanha armamentista em seu país (VIANA, 2008, p. 467). Para convencer o Congresso argentino sobre aquisição de armamentos dos quais o país não necessitava, o ministro da Argentina passou a apontar o Brasil como um inimigo imperialista, plantando o medo entre parte da população e dos políticos, principalmente, por meio de boatos na imprensa. Essa, portanto, vai ser a base da campanha antibrasileira desencadeada em



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

Buenos Aires em 1908 no contexto do que ficou conhecido como a “corrida armamentista” entre as duas maiores repúblicas da América do Sul no início do século XX (1996, p. 378-379).

O projeto naval brasileiro era um desafio para a Argentina, que se via como a primeira potência da região. Seu desejo de se rearmar atendia a razões defensivas em face dos armamentos brasileiros e obedecia a desígnios imperialistas de uma nação orgulhosa de si ao completar 100 anos de vida independente. Em 1908, decidiu-se pela compra de dois *dreadnaughts*, após intenso debate interno (2002, p. 369).

De acordo com Clodoaldo Bueno,

usava-se o projeto brasileiro como argumento para defender o projeto naval argentino. Para a imprensa alinhada a Zeballos, o governo brasileiro, ao pretender elevar a esquadra do seu país ao nível das maiores congêneres européias, obedecia a critérios imperialistas e à aspiração de adquirir a preponderância naval no continente (2002, p. 369).

O Malho, por sua vez, acompanhando as discussões sobre o tema, representou esse período principalmente através do contraste entre Zeballos e Rio Branco em uma série de caricaturas que busca enfatizar o espírito patriótico da revista ao desqualificar as acusações do ministro argentino e destacar o espírito lúcido e sensato de Rio Branco.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul



Figura 1 - Sem assinatura | “Veronicas profanas” | *O Malho*, 18/04/1908

“Veronica” é como ficou conhecida a imagem do rosto de Jesus em um pano que, segundo a tradição cristã, uma mulher chamada Veronica enxugou o rosto do *Mestre*. Fazendo uma alusão a esse simbolismo cristão, temos as “Veronicas profanas” de *O Malho*. Nessa caricatura, o ministro da Argentina mostra a imagem de Rio Branco armado em posição de ataque, enquanto o ministro brasileiro mostra Zeballos como um sujeito louco no hospício. O posicionamento da revista é reforçado na legenda da caricatura, onde afirma que a imagem de Rio Branco belicoso é vista apenas por Zeballos, enquanto a imagem insana do ministro argentino é vista por todos os brasileiros e argentinos sensatos, desqualificando as acusações de Zeballos. Em síntese, *O Malho* representou nessa caricatura a tensão e, principalmente, o desentendimento entre os dois países representados por seus ministros.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

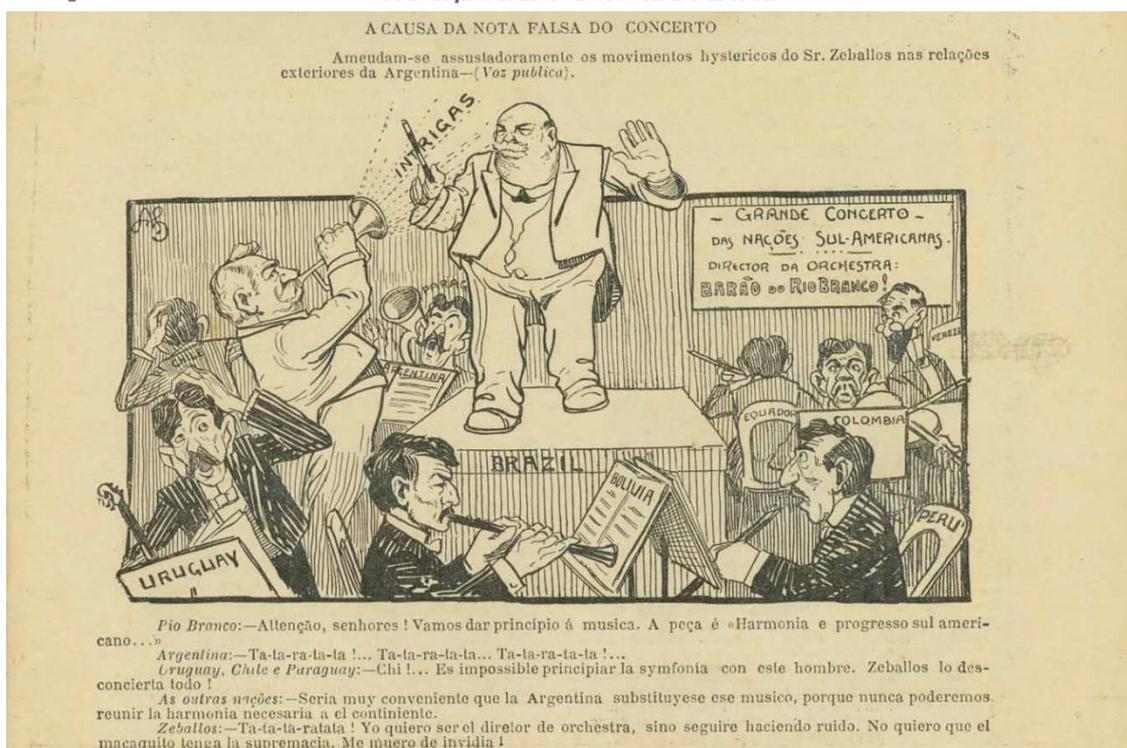


Figura 2 - Augusto Rocha (?) | “A causa da nota falsa do concerto” | *O Malho*, 25/04/1908

Nessa segunda caricatura, o artista buscou mostrar que a presença de Zeballos no Ministério das Relações Exteriores da Argentina era destoante no concerto das nações sul-americanas, comprometendo a ordem estabelecida. Observamos também, a referência sobre a disputa pela liderança entre Brasil e Argentina na América do Sul, onde ambos os ministros rivalizam abertamente pela direção da *orquestra* no texto do diálogo. Os outros países, assumindo um papel secundário no concerto, estão do lado da *harmonia* e do *progresso*, ou seja, do lado do Barão do Rio Branco. Essa relação entre ordem e caos foi amplamente explorada pela revista, mesmo que não a tenha colocado em nenhum momento nesses termos, sendo essa uma interpretação nossa.

Outro indicativo importante sobre a posição de *O Malho* nessa caricatura, é o fato de Rio Branco estar ocupando o lugar de diretor da orquestra. Ele está no comando, no centro da caricatura, enquanto os demais países ocupam um lugar secundário. O único que está incomodado com a ordem estabelecida é Zeballos, cujo instrumento de sopro sai *intrigas* em direção ao Rio Branco. A reação dos representantes dos demais países que compõem a orquestra é de desconforto com a *nota falsa* de Zeballos no concerto das nações sul-americanas (entende-se por *nota falsa* as *intrigas* de Zeballos que, de acordo com *O Malho*, não passavam de declarações infundadas). O texto com as falas dos personagens reforça a representação caricata. Uruguai, Chile e Paraguai



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

acusam Zeballos de estar desconcertando a harmonia, enquanto as demais nações afirmam que apenas com a substituição de Zeballos a harmonia poderia ser alcançada no continente. O elemento novo apresentado no diálogo, é a expressão de cunho racista, *macaquito*, usada por Zeballos para se referir ao Rio Branco. Nota-se também, que a disputa pela liderança entre Brasil e Argentina confunde-se na caricatura com a busca pelo prestígio pessoal que a conquista traria ao ministro que saísse vitorioso: Zeballos queria o lugar de destaque ocupado por Rio Branco na direção da *orquestra*.

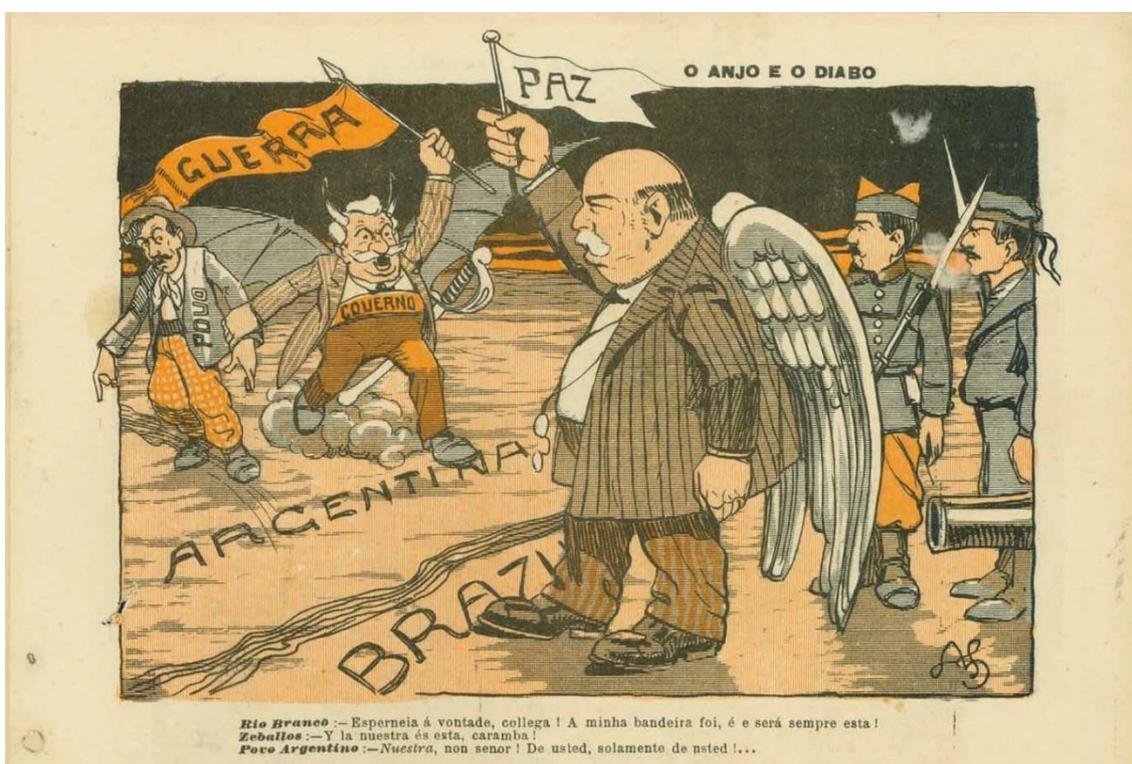


Figura 3 – Autor não identificado | “O anjo e o diabo” | *O Malho*, 02/05/1908

Em *O Anjo e o Diabo*, o contraste é mais uma vez usado na caricatura como estratégia para destacar as diferenças entre os dois ministros: Rio Branco é o anjo, representante da paz e da ordem, Zeballos é o diabo, representante da guerra e do caos.

Dos elementos que se repetem nas representações cômicas entre Brasil e Argentina, destacamos dois nessa caricatura: primeiro, Rio Branco está na posição defensiva, enquanto Zeballos está na ofensiva. É Zeballos quem ataca, Rio Branco apenas defende-se; segundo, embora o ministro argentino esteja representando o seu governo, como se nota na inscrição de seu personagem, o *Povo Argentino* não compactua com o ataque de Zeballos ao Brasil. Essa posição do *Povo argentino* está representada na resistência feita pelo personagem *Povo* ao ser puxado pelo ministro



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

argentino, posição também reforçada pela legenda da representação. Por outro lado, embora encontre-se desarmado e com a bandeira da paz em punho, Rio Branco conta com o apoio do exército brasileiro que está ao seu lado. Essa representação se caracteriza como a primeira referência ao princípio da paz armada na caricatura de *O Malho* nesse contexto.

Sobre os argumentos de Rio Branco para justificar a aquisição de novos armamentos para o país, Clodoaldo Bueno diz que,

O que o Chanceler desejava, de qualquer forma, era o aumento rápido da Armada brasileira até atingir nível superior ao da Argentina para resguardar seu país de eventual e premeditado insulto. Rio Branco foi reiterativo na afirmação de que o anseio pela paz não implicava deixar o país desarmado, uma vez que os meios de defesa eram anteparo a afrontas e humilhações. Mesmo estados neutralizados, como a Suíça e a Bélgica, dizia, não descuidavam da defesa para fazer face a eventuais complicações internacionais. O Brasil, com seu extenso litoral, requeria uma esquadra reorganizada para cuidar da segurança e da dignidade nacionais (2002, p. 371).

Alvaro Lins, autor de uma das biografias mais reconhecidas de Rio Branco, pode não ter visto essa caricatura, mas a traduziu em palavras 37 anos depois ao explicar os motivos pelos quais seria impossível de se instalar uma guerra entre Brasil e Argentina naquele momento, justificando sua tese através do abismo de diferenças entre um ministro e outro:

um deles representava realmente o seu país; o outro representava apenas uma facção. Rio Branco, que exprimia, na sua política diplomática, o pensamento brasileiro, que dispunha do apoio unânime da opinião pública, mantinha uma atitude moderada e conciliadora, invariável nos propósitos de conciliação, entendimento e relações pacíficas; Zeballos, que era dos dois o polemista, o provocador, o belicoso, não contava com o apoio da nação argentina, não tinha atrás de si mais do que um grupo (1996, p. 367).

Essas características, segundo Lins, era o que impedia que se colocasse em prática qualquer que fosse o conflito desejado por Zeballos entre a Argentina e o Brasil. Todavia, nem Zeballos nem Rio Branco poderiam se dar conta disso no calor dos acontecimentos ou, pelo menos, não de forma segura, embora, o autor da caricatura que acabamos de analisar tenha chegado à mesma conclusão de Lins em meio aos acontecimentos.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

Os boatos de que o Brasil representava um perigo para a paz sul-americana com seu projeto de rearmamento naval se espalhavam rapidamente pela Argentina através de Zeballos, que contava, principalmente, com *La Prensa* e *El Sarmiento*, importantes jornais argentinos, para divulgar as suas suspeitas sobre a conduta de Rio Branco na América do Sul. Dessa forma, Zeballos no Ministério das Relações Exteriores da Argentina passou a representar para o Brasil um risco iminente de rompimento das relações diplomáticas entre os dois países.

O *La Prensa* era reiterativo na afirmação de que Rio Branco era imperialista, continuador da política exterior do Império, e que teria imposto soluções favoráveis nas questões de limites com a Bolívia e o Peru. A elevação da Legação brasileira em Washington à categoria de Embaixada juntamente com o plano de aquisição de navios faria parte de um projeto diplomático, cujo objetivo seria transformar o Brasil na primeira potência da América meridional (2002, p. 370).

Diante das acusações, Rio Branco buscou novamente tranquilizar o governo argentino sobre as intenções do Brasil através de seu discurso de abertura da sessão do Instituto Histórico no dia 11 de junho de 1908, onde Visconde de Ouro Preto ia pronunciar uma conferência sobre a batalha do Riachuelo. De acordo com Lins, “Rio Branco lançou uma espécie de apelo indireto à opinião pública argentina. Explicou a significação do nosso poder naval no passado e no presente, reafirmando solenemente a ausência de ‘planos de agressões ou de ambiciosa e indébita influência sobre o destino de outros povos’”. Ainda de acordo com Lins, o discurso de Rio Branco teve tal impacto, até mesmo entre seus adversários, que a permanência de Zeballos no Ministério das Relações Exteriores da Argentina se tornou insustentável e, em 21 de junho de 1908, Estalislao Zeballos abandonava seu cargo de ministro (1996, p. 380-381).

Assim como Lins, *O Malho* atribuiu a renúncia de Zeballos ao discurso de 11 de junho de Rio Branco. Declaradamente patriota, aliás, uma característica comum entre *O Malho* e Rio Branco, em nenhum conflito envolvendo agressões externas essa revista deixou de ficar ao lado do Brasil, embora tenha feito severas críticas aos caminhos trilhados pelo ministro brasileiro em determinados momentos de sua política externa, como pudemos acompanhar neste trabalho.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul



Figura 4 - Storni | "A renuncia do sr. Zeballos" | *O Malho*, 20/06/1908

Nessa caricatura de Storni, a arma de Rio Branco é o seu discurso, e seus princípios políticos estão ancorados no Direito Internacional, que sempre é representado junto ao ministro brasileiro em ocasiões como essa, em que buscava-se reforçar o caráter pacífico de Rio Branco. Em contraposição, nas palavras de *Zé Povo*, Zeballos é acusado novamente de fomentar a guerra através da *intriga*. Observamos que, o contraste foi uma estratégia amplamente utilizada na caricatura quando buscava-se ampliar diferenças.

No contexto da demissão do ministro argentino, Storni volta a representar o espírito belicoso de Zeballos, buscando desqualificar seus ataques ao Brasil:



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

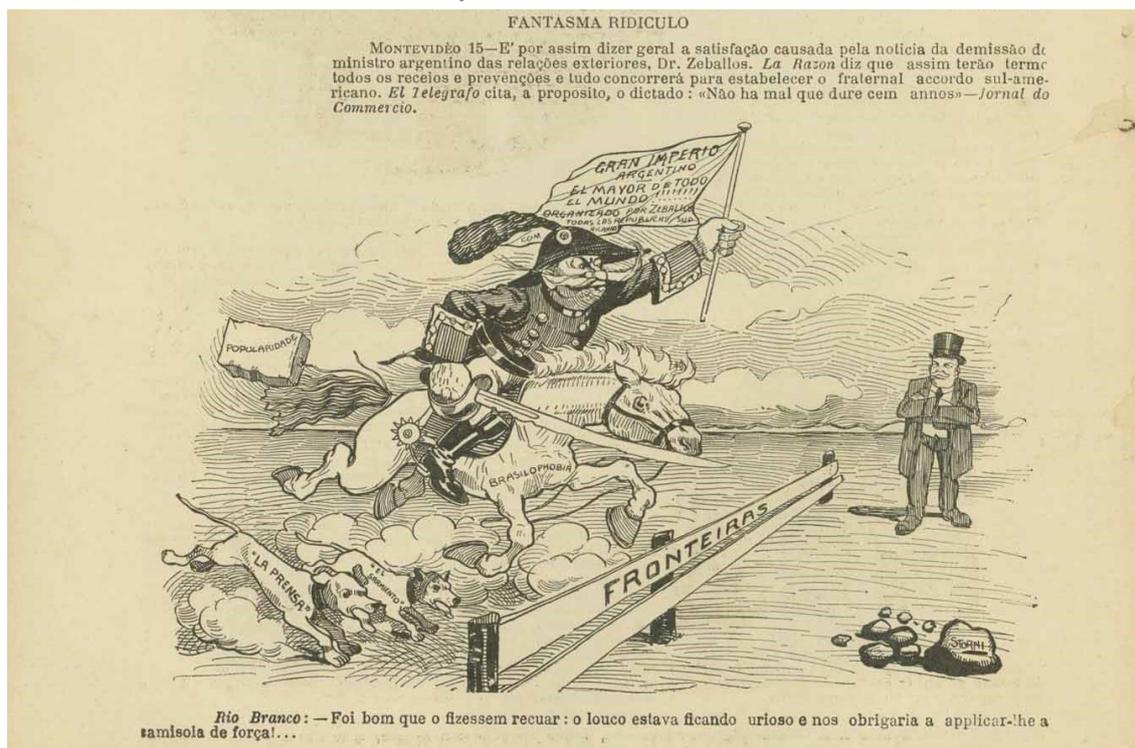


Figura 5 - Storni | “Fantasma Ridículo” | *O Malho*, 20/06/1908

Em *Fantasma Ridículo*, mais uma vez é reforçada a ideia de que Zeballos era um representante do caos na América do Sul, enquanto Rio Branco, inerte, representava a ordem. O contraste entre os dois ministros fica ainda mais evidente: Rio Branco encontra-se de braços cruzados, não esboça nenhuma reação além de observar enquanto Zeballos se aproxima belicamente em direção ao Brasil. A aparente tranquilidade de Rio Branco, diante da aproximação violenta do ministro argentino, pode estar ancorada na posição defendida pelo *O Malho* e, posteriormente, pela historiografia, de que Zeballos não contava com apoio suficiente dentro de seu país para concretizar um ataque ao Brasil, dessa forma, não havia motivos para representar Rio Branco preocupado com a ação agressiva do ministro argentino.

Outra observação importante nessa caricatura de Storni é a presença dos dois jornais argentinos já citados anteriormente, que “atacam” como cães ferozes ao lado de Zeballos: *La Prensa* e *El Sarmiento*. Esses jornais foram canais importantes pelos quais Zeballos difundiu suas ideias antibrasileiras na Argentina. Todavia, nessa mesma caricatura, o *Jornal do Comércio* cita *La Razón* na introdução à fala do personagem Rio Branco, que assumindo uma posição pró-brasileira, descreve sua satisfação com a renúncia do ministro argentino e oferece seu apoio ao acordo de paz entre os dois



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

países. Isso mostra, como já havia apontado a caricatura anteriormente, a divergência de opiniões dentro da Argentina sobre a conduta de seu ministro. Outro elemento que reforça essa ideia de divisão de opiniões nessa caricatura é o cavalo em que Zeballos está montado. Denominado *brasilophobia* (fobia ao Brasil), o animal carrega preso na extremidade do corpo a *impopularidade* em forma de um bloco de pedra que, naturalmente, freia o animal em movimento ou, pelo menos, tenta desacelerá-lo. Na caricatura, a *brasilophobia* é a representação do sentimento antibrasileiro que guiava Zeballos na sua ira contra o Barão do Rio Branco, mas que era impedido de avançar devido à falta de propulsão do *povo argentino*, como havia observado Lins. Observamos também, que Storni busca novamente sustentar a ideia de que as acusações de Zeballos não passavam de devaneios ou formas de desviar a atenção de seus próprios propósitos imperialistas, merecendo, por isso, estar em uma camisa de força.

As caricaturas buscando ridicularizar o ministro argentino e glorificar as posições de Rio Branco, no contexto da rivalidade entre Brasil e Argentina, seguiram após a renúncia de Zeballos. Percebe-se uma clara tentativa de fixar estereótipos através da repetição de discursos, como podemos acompanhar a seguir:



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

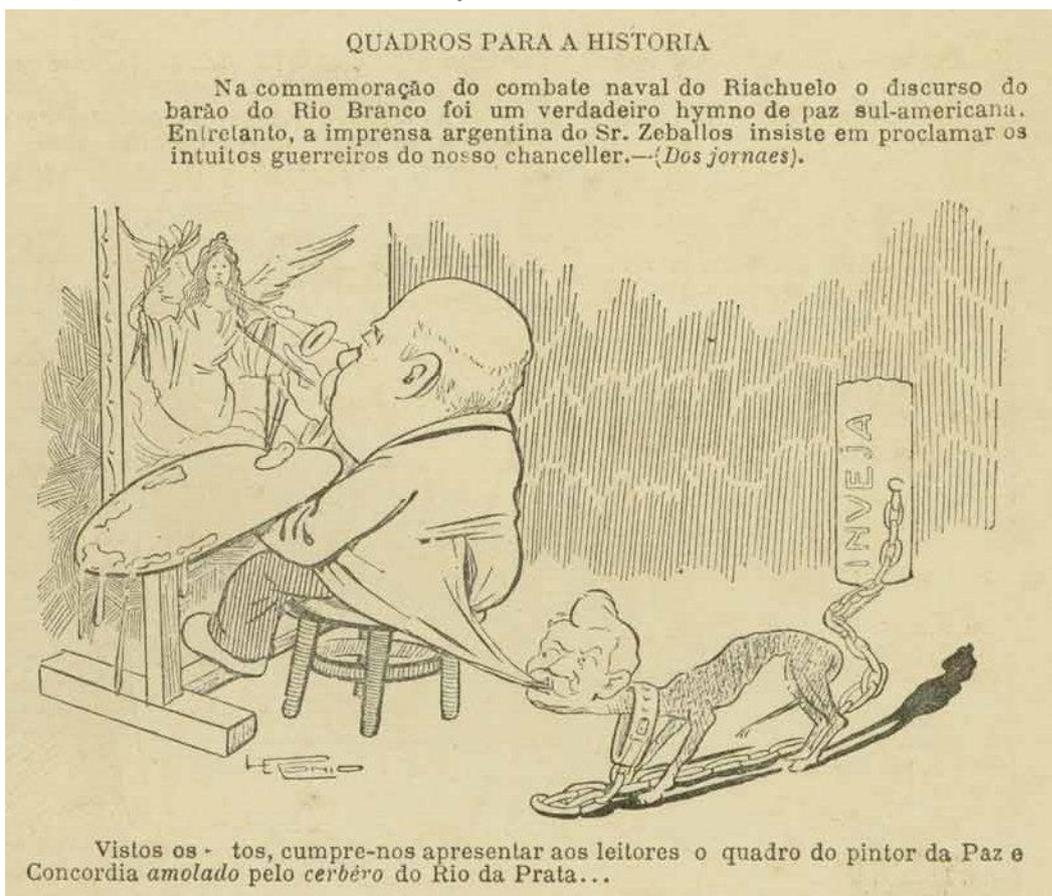


Figura 6 - Herônio | “Quadros para a história” | *O Malho*, 20/06/1908.

Nessa caricatura, o artista buscou destacar o espírito provocar do ministro argentino. Nela, Zeballos é representando como um cão que perturba Rio Branco enquanto ele pinta, provavelmente, a república brasileira como um anjo da paz com um ramo de louro e uma flauta, elementos que representam a vitória e a harmonia. Zeballos, por sua vez, está preso à inveja e é descrito como o *cerbêro* do Rio da Prata. A distorção na grafia tem, provavelmente, a intenção de ridicularizar a inteligência do ex-ministro argentino. No texto que introduz a caricatura, encontramos referências ao discurso feito por Rio Branco e que resultou na renúncia de Zeballos do Ministério das Relações Exteriores da Argentina. Faz referência também, à imprensa que representava Zeballos e agia como fomentadora dos discursos que acusavam Rio Branco de possuir intuitos bélicos.

Nessa outra caricatura, Storni representa a decadência de Zeballos nos degraus da política internacional após sua renúncia:



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

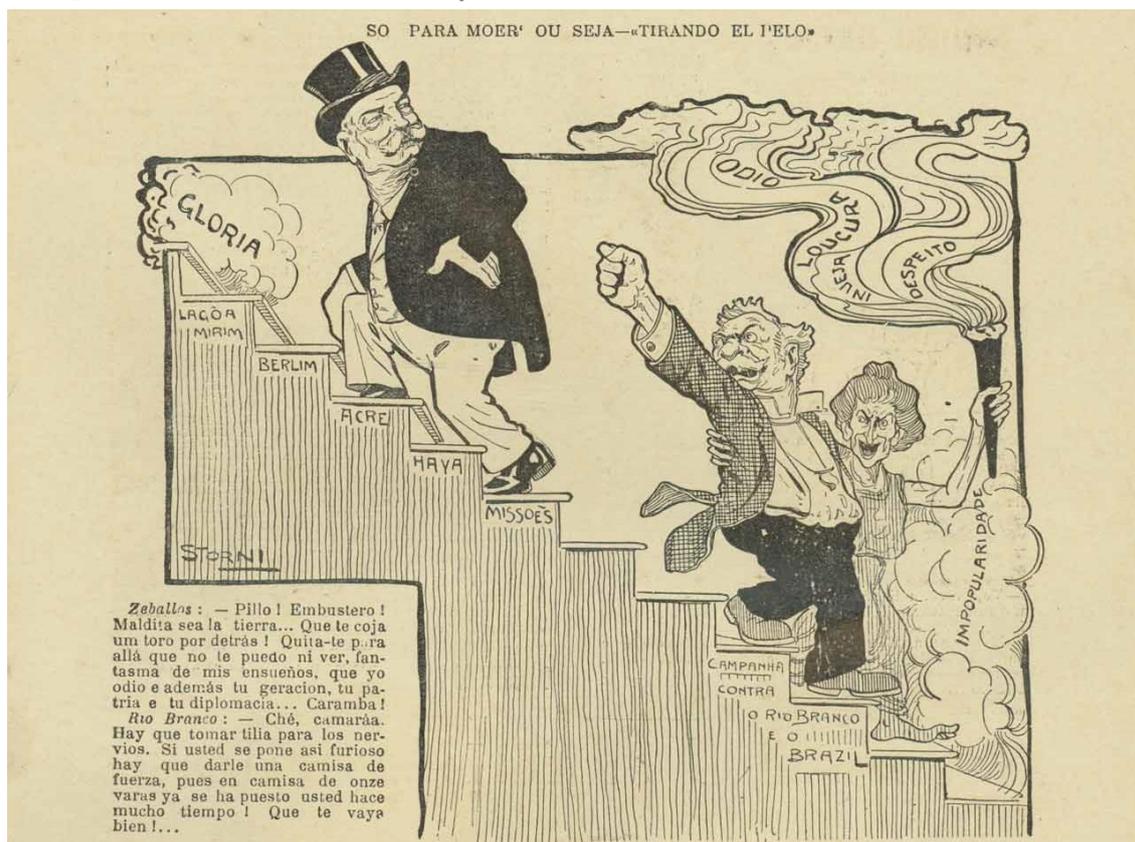


Figura 7 - Storni | “So para moer’ ou seja – “Tirando el pelo”” | *O Malho*, 26/09/1908

Aqui, a ascensão de Rio Branco à *glória* é justificada por seu profundo conhecimento sobre o direito internacional, como podemos observar pelo livro que carrega junto a si, enquanto Zeballos declina para a impopularidade abraçado na sua diplomacia, representada por uma mulher louca carregando uma tocha cuja fumaça exala ódio, loucura, inveja e desrespeito.

Uma curiosidade interessante nessa caricatura é o caso da Lagoa Mirim com o Uruguai, apontado por Storni como a última conquista de Rio Branco antes de alcançar a *glória*, o que viria de fato a ser uns dos últimos trabalhos do ministro na política externa brasileira, que faleceu em princípios de 1912 no ápice da sua carreira política.

A saída de Zeballos do Ministério das Relações Exteriores da Argentina, seu descrédito e declínio político não foram, contudo, motivos suficientes para que o ex-ministro interrompesse a sua campanha antibrasileira. Ao deixar o cargo, Zeballos escreve uma carta ao Presidente Figueroa Alcorta, onde faz referência a um documento que seria a “prova instrumental” dos interesses hostis do Barão do Rio Branco na América do Sul:



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

Fiquei obrigado a redigir este documento pelas energias mais puras de minha vida. Vozes vulgares me acusam de prejudicar os interesses da paz quando eu a assegurei, pondo a República Argentina a coberto de perigos, cuja prova instrumental V. Excia. conhece e deixo, mediante recibo, no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores (1996, p. 383).

O documento a que Zeballos se referia, teria servido de alibi para que o ex-ministro conseguisse a aprovação para a compra de armamentos pelo Congresso Argentino como prova do perigo imperialista brasileiro movido por Rio Branco. A carta de Zeballos causou, no entanto, alvoroço na imprensa argentina que, ao ter conhecimento da correspondência, passou a cobrar a publicação do suposto documento que provava as verdadeiras intenções de Rio Branco.

Cedendo à pressão, mas sem acabar com o suspense, o ex-ministro publicou um artigo na *Revista de Derecho* onde desvendava uma parte do documento. Eram trechos de um telegrama de Rio Branco a um de seus agentes diplomáticos, interceptado e decifrado por (ou a mando de) Zeballos. O fato do ex-ministro ter publicado apenas trechos da “prova instrumental” contra o Barão do Rio Branco, mostra o suspense que queria causar junto a um misto de vitimismo e injustiça.

Tal documento, em síntese, “afirmava que as legações do Brasil em Buenos Aires, Montevideú, Assunção, La Paz, Santiago do Chile, Lima e Washington, estavam divulgando a versão de que a política argentina visava à conquista dos países mais fracos, cuja dependência era defendida pelo Brasil” (1996, p. 384). Em resumo, o Brasil estava criando uma falsa ameaça argentina para se aproximar dos demais países da América do Sul, onde o seu verdadeiro objetivo era a conquista da hegemonia regional e o isolamento da Argentina, sua principal rival.

Diante dessa situação, Rio Branco publica um desmentido no *Diário Oficial* de 19 de setembro, onde afirma ser o documento falso, produzido por “algum homem da mais requintada má fé” (D’AMARAL, 1974, p. 173), pois, por nenhum meio tais orientações foram feitas pelo Brasil a qualquer agente diplomático. Em 20 de outubro, por meio da *La Prensa*, Zeballos replicou a defesa de Rio Branco, revelando todos os dados do suposto telegrama, com dia, hora, minutos e número. Tais dados, por sua vez, foram suficientes para que Rio Branco provasse sua inocência diante das nações sul-americanas.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

O telegrama de fato existia, e havia sido dirigido à Legação Brasileira em Santiago quando fora interceptado na Argentina por Zeballos, todavia, seu conteúdo era justamente o oposto do que o ex-ministro argentino havia publicado. Como o telegrama era de caráter “Reservado”, fora escrito em códigos que precisaram ser decifrados para que seu conteúdo fosse revelado. Aproveitando-se disso, ao divulgar os dados do telegrama, Zeballos não contava com a possibilidade de Rio Branco revelar o código secreto das correspondências do Itamarati, o que acabou acontecendo e provando que, além de ter interceptado, o ministro argentino havia falsificado a correspondência brasileira (1974, p. 173).

Mesmo sem estar o Brasil obrigado a revelar sua correspondência, Rio Branco publicou no *Diário Oficial* do dia 15 de novembro de 1908 a chave com que se decifravam os telegramas reservados do Itamarati juntamente com o documento falso, que circulou misteriosamente em Buenos Aires, e o verdadeiro, escrito e enviado à Santiago por ele. O documento verdadeiro, por sua vez, sintetizava o desejo de Rio Branco em firmar uma aliança de diplomática com a Argentina e com Chile do qual tanto se empenhara durante a sua gestão. Com isso, Zeballos não apenas havia violado e falsificado a correspondência de um país amigo, mas enganado o seu país em relação às intenções do Brasil. A credibilidade do ex-ministro argentino, se havia alguma àquela altura, caíra por terra com a publicação de Rio Branco.

O episódio do Telegrama nº 9 foi caricaturado por Storni, um dos desenhistas de *O Malho* que mais se dedicou ao tema:



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul



Figura 8 - Storni | “Depois da prova da falsificação” | *O Malho*, 21/11/1908

Nessa caricatura intitulada “*Depois da prova da falsificação*”, Zeballos é representado sendo expulso pela República Argentina, que aponta sua falta de caráter e talento para a política ao tempo que segura o Tratado de Arbitramento que lhe é entregue pelo representante da *Diplomacia da Franqueza*, o Barão do Rio Branco.

A ordem estava voltando a se restabelecer entre o Brasil e a Argentina e, somente através de Zeballos, Rio Branco pode provar para a nação vizinha seus propósitos pacíficos. Todavia, o pedido de justiça feito pelo ministro brasileiro só fora atendido na caricatura. Mesmo após a prova da falsificação, oficialmente, a Argentina não se manifestou e, embora as dúvidas sobre as intenções do Brasil haviam sido dissipadas no campo político, no espírito dos dois países o sentimento de rivalidade levado ao cume por Zeballos não seria desfeito tão rapidamente.

O fato das tensões entre Brasil e Argentina não terem se dissipado imediatamente após a prova de falsificação do telegrama, contrapõe o posicionamento de Lins e as representações de *O Malho* de que Zeballos não contava com o apoio de seu governo e do *povo argentino*. Ora, se o ministro argentino contava apenas com alguns grupos de apoio, principalmente na imprensa, as desconfianças deveriam ter sido



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS **ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA**

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

dissipadas rapidamente com os esclarecimentos de Rio Branco, o que não aconteceu. Nesse ponto, discordamos da posição de Lins e de *O Malho*. Zeballos contou com amplo apoio de seu governo e, se não por unanimidade, de parte do povo argentino, visto que, os jornais que faziam declarações antibrasileira na Argentina contavam, ao menos, com a opinião favorável de seus leitores.

Em uma das últimas caricaturas que encerram esse período marcado por profundas tensões e desentendimentos, Zeballos é representado como uma *vaca brava* que, guiado pela intriga, move a lama de *La Prensa*. Nessa representação, o ministro argentino encontra-se com o “rabo preso” ao telegrama nº 9, enquanto Rio Branco aponta para a chave que foi responsável por decifrar o telegrama e que acabou abrindo as portas do *inferno* para Zeballos, como indica a representação:



Figura 9 - Loureiro | “Vacca brava na Argentina” | *O Malho*, 05/12/1908

Somente com o término da gestão de Figueroa Alcorta e a entrada de Sáenz Peña em 12 de outubro de 1910 na presidência da Argentina, que o campo de tensão entre os dois países foi equilibrado. A corrida armamentista, no entanto, só findou em 1914, quando,



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS

ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

em 1º de julho, o chanceler argentino Marature comunicou em sessão secreta da Câmara dos Deputados de seu país, a desistência brasileira de construir a terceira unidade naval encouraçada. No ano seguinte, a Argentina incorporou à sua frota dois encouraçados de 27 mil toneladas cada um, restabelecendo-se, assim, o equilíbrio naval no Atlântico Sul (2003, p. 287).

No contexto da rivalidade entre Brasil e Argentina, podemos dizer que as críticas positivas ao chanceler brasileiro foram unanimidade na revista. *O Malho* encontrou nesses eventos ambiente propício para transmitir as mensagens de civilidade e modernidade através do patriotismo ao qual se dedicara. Identificamos também, um esforço da revista em reforçar estereótipos através da repetição. Na intenção de desqualificar as acusações de Zeballos, *O Malho* utilizou expressões como “ódio pessoal”, “impopularidade”, “inveja”, “calúnia” e “louco/loucura”. Sendo essa última, a expressão mais usada ao se referir ao ministro argentino. Rio Branco, por sua vez, foi representado como um político lúcido e sensato, cujas ações estavam ancoradas no direito internacional: o ministro do Brasil era o personagem da paz, da fraternidade; o da Argentina era o personagem da discórdia e da guerra. Um representava a ordem e o outro o caos.

Concluímos este texto afirmando que as políticas de Rio Branco nas representações de *O Malho* estavam inseridas em um contexto onde civilidade do Brasil precisava ser reforçada. A ideia de ordem, de civilidade, de modernidade fazia parte da mentalidade de um país que buscava construir uma identidade nacional. Dessa forma, a caricatura atuou como um suporte para a construção e uso do personagem Rio Branco na defesa das ideias de *O Malho* durante o período em que permaneceu no Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

REFERÊNCIAS

BUENO, Clodoaldo. *O Barão do Rio Branco e o projeto da América do Sul*. In: CARDIM, Carlos Henrique; ALMINO, João (orgs.). *Rio Branco, a América do Sul e a modernização do Brasil*. Rio de Janeiro: EMC, 2002.

_____. *Política externa da primeira República: os anos de apogeu (1902 – 1918)*. – São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS
ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

_____. PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.) *Representações*. Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

CARVALHO, Delgado de. *História diplomática do Brasil*. São Paulo Editora S. A. – São Paulo, Brasil, 1959, P. 223.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. SP: Companhia das Letras, 1990.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *O mundo como representação*. In: *À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 61-79.

COTRIN, Alvaro. *J. Carlos: época, vida, obra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

_____. (org). *O Rio na Caricatura*. Exposição Biblioteca Nacional e Jornal do Brasil pelo IV centenário do Rio. Rio de Janeiro, 1965.

D'AMARAL, Márcio Tavares. *Barão do Rio Branco*. São Paulo: Editora Três, 1974.

DIOGO, Marcia Cezar. *O Rio em revista: a reforma Pereira Passos nas crônicas da revista da semana, d'O Malho e da Kosmos*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1999.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre. Artes e Ofícios, 1999.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. *Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma*. Domínios da Imagem, Londrina, Ano I, N. 2, maio, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mito, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das letras: 1989.

HEINSFELD, Adelar. *A geopolítica de Rio Branco: as fronteiras nacionais e o isolamento argentino*. Edições Unoesc. – Joaçaba, 2003.

_____. *Ao sul do Rio Grande do Sul: a retificação dos limites territoriais com o Uruguai*, 1909. In: *Cadernos do CHDD / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática*. – Ed. Especial. – [Brasília, DF]: A



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS
ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

Fundação, 2007.

JORGE, A. G. de Araújo. *Introdução às obras do Barão do Rio-Branco*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1945.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 4 vols.

LINS, Alvaro. *Rio Branco*. - 3ª. ed. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1996.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: a República no Catete*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

_____. *Roteiro para Herman Lima*. In: *Outros céus, outros mares*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 1997.

PÔRTO, Ângela (Coord). *O Barão do Rio Branco e a caricatura: coleção e memória*. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIO BRANCO. Nota do Governo Brasileiro à Delegação alemã. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1905.

SALIBA, Elias Thomé. *As Raízes do Riso*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

_____. *O Evangelho do Barão: Rio Branco e a identidade brasileira*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SOARES, Teixeira. *História da formação das fronteiras do Brasil*. Biblioteca do Exército, editora do Ministério do Exército, Ala Marçílio Dias, Rio de Janeiro, 1973.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto*. A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. Coleção Papéis Avulsos.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. Disponível no site do Domínio Público.



XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS
ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA

18 a 21 de julho de 2016 - UNISC - Santa Cruz do Sul

VIANA Filho, Luís. *A vida do Barão do Rio Branco*. – 8. Ed. – São Paulo: Editora Unesp; Salvador, BA: EDUFBA, 2008.